

PRÁTICAS E SENTIDOS DA SEXUALIDADE DE ALGUNS USUÁRIOS DA PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO (PrEP) AO HIV¹

Vladimir Bezerra²

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre determinados aspectos da subjetividade de alguns participantes do projeto PrEP Brasil, pesquisa conduzida a partir de 2014 por três centros participantes: a Fiocruz, por meio do Laboratório de Pesquisas Clínicas (LaPClin), o Centro de Referência e Treinamento de AIDS da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo (CRT- AIDS/SP) e a Universidade de São Paulo (USP). O projeto PrEP Brasil envolveu a administração do medicamento antirretroviral Truvada, droga – comercializada nos EUA desde 2012 – que é majoritariamente utilizada por homens que fazem sexo com homens (HSH), e que promete diminuir o risco de infecção pelo vírus HIV³ em até 96%. Perscrutando alguns dos depoimentos extraídos de um fórum de discussão online sobre a PrEP e entrevistas na mídia, foi possível compreender como a equação “corpo, risco e prazer” se estrutura no cotidiano de alguns usuários desta nova tecnologia para prevenção contra o HIV.

Palavras-chave: PrEP; sexualidade; risco; prazer; HIV

PRACTICES AND MEANINGS OF SEXUALITY FOR SOME USERS OF THE PRE-EXPOSURE PROPHYLAXIS (PrEP) TO HIV

Abstract: This article aims to reflect on aspects of the subjectivity of some participants of the PrEP Brazil project, a research conducted since 2014 by three participating centers: Fiocruz, through LaPClin, Centro de Referência e Treinamento de AIDS da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo (CRT- AIDS/SP) and The University of São Paulo (USP), funded by the Ministry of Health of Brazil. The project PrEP Brasil involved the administration of the antiretroviral drug Truvada, a drug marketed in the US since 2012 – mostly used by men who have sex with men (MSM) – that promises to reduce the risk of HIV infection by up to 96%. Looking at some of the testimonies extracted from an online discussion forum and media interviews about PrEP, it was possible to understand how the equation “body, risk and pleasure” is structured in the daily life of some users of this new technology for HIV prevention.

Key words: PrEP; sexuality; risk; pleasure; HIV

¹ Este artigo é fruto de minha monografia “Práticas e sentidos da sexualidade na PrEP” defendida em março de 2017 pela Fiocruz/ENSP, sob a orientação da pesquisadora Vera Lúcia Marques da Silva (Fiocruz/ENSP/RJ).

² Graduado em Psicologia, com especialização em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos (Fiocruz/ENSP- RJ), e formação permanente em Psicanálise (Birkbeck – University of London). Bolsista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, nível mestrado, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email: vladimir.bezerra@uol.com.br

³ Segundo o Ministério da Saúde, [...] HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da AIDS, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. Ver mais em <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv> Acessos em 13 de abr. 2017.

Introdução

Historicamente, importantes balizadores têm sido utilizados para discutir o HIV e a homossexualidade no Brasil; estigma, vulnerabilidade, patologização e medicalização são apenas alguns cenários aos quais homossexuais e a epidemia de HIV são associados.

Este estudo desenvolve-se a partir da constatação de que enquanto o mundo apresentou considerável queda de 35% em novas infecções pelo HIV, o Brasil seguiu na contramão da média global, aumentando seu índice em 11%⁴. Dados da UNAIDS⁵ e do Ministério da Saúde indicam um aumento de novas infecções por HIV no país, que chega a 4% entre 2014 e 2015, posicionando o Brasil como líder absoluto em novas infecções pelo HIV entre todos os países da América Latina e Caribe. Uma das causas apontadas pelo relatório da UNAIDS⁶ seria a resistência da população ao uso do preservativo, que se traduz na irregularidade de seu uso nas práticas sexuais cotidianas.

Ao pensar a PrEP⁷, foi possível pensar – em parte – o medicamento Truvada como uma resposta ao aparente vazio entre as campanhas e políticas públicas de prevenção ao HIV – que tem como carro chefe o preservativo –, e os crescentes índices de novas infecções pelo HIV.

Mas pergunta-se: o que este *vazio* representa? Opta-se por refletir sobre estes homens que fazem sexo com outros homens, e que optam pelo sexo sem o preservativo; com isso, busca-se compreender como percebem questões como o risco e o prazer na prática sexual cotidiana.

⁴ Ainda que o mais recente relatório anual da UNAIDS, e informações do próprio Ministério da Saúde, indiquem que o Brasil seja referência em resposta à epidemia de HIV, com avanços nas pesquisas de métodos de prevenção, diagnóstico e tratamento para combate ao vírus, entre 2005 e 2013.

⁵ UNAIDS é o Programa das Nações Unidas para HIV e AIDS. Seu relatório mais recente (2016) reconhece que o Brasil tem se destacado em esforços para combater a epidemia de HIV no país. O documento cita que recentemente foram introduzidos o método de testagem para detecção de anticorpos do HIV por fluido oral (testagem rápida) de modo a tornar o diagnóstico mais rápido e consequentemente otimizar o tempo entre diagnóstico e início do tratamento, e que desde 2014 realiza-se a pesquisa que avalia a PrEP como forma de prevenção eficaz contra infecção pelo vírus HIV. Disponível em: http://unAIDS.org.br/wp-content/uploads/2016/07/2016-prevention-gap-report_en.pdf, pag.149. Acessos em 01 de set. 2016.

⁶ Relatório UNAIDS 2016, disponível em: http://unAIDS.org.br/wp-content/uploads/2016/07/2016-prevention-gap-report_en.pdf, pag. 144-145. Acessos em 09 de set. 2016.

⁷ O termo PrEP (de origem inglesa: Pre-exposure prophylaxis), é utilizado no Brasil com a tradução “Profilaxia pré-exposição”. Segundo dados da Fiocruz, a profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP), é uma estratégia de prevenção que envolve a utilização de medicação antirretroviral (Truvada), por pessoas não infectadas, para reduzir o risco de uma pessoa adquirir a infecção pelo HIV através de relações sexuais. Os principais aspectos da PrEP serão aprofundados em sessão específica, mais adiante. Mais informações em <http://prepbrasil.com.br/pesquisa-prep-brasil/> acessos em 20 de mai. 2016.

O preservativo na berlinda

Os dados sobre novas infecções pelo HIV no Brasil de certa maneira influenciam a hipótese de que o preservativo – de certa maneira – parece ser colocado na berlinda. Esta percepção é reforçada em uma entrevista concedida pelo médico infectologista e um dos coordenadores da pesquisa PrEP Brasil, Ricardo Vasconcelos à Revista Geni; Ricardo fala sobre a epidemia de HIV no Brasil e as desvantagens de considerar o preservativo a única forma de prevenção.

Diz Vasconcelos:

Sim. Não vai ter uma solução única e milagrosa para controlar a epidemia. A camisinha não é suficiente. Porque o tesão importa! Outro dia eu atendi um menino bem novinho no PrEP Brasil, de 21 anos. Eu esperava que ele estivesse transando com a maçaneta, né, com muito tesão. E ele queria tomar PrEP porque, quando colocava camisinha, perdia a ereção. Tinha tentado outras marcas, vários lubrificantes, e nada. Então, no meio da transa, quando começava a perder a ereção, ele tirava a camisinha e terminava sem, para conseguir gozar. Aí, o que ele fez foi começar a tomar Viagra, pra manter a ereção dentro da camisinha. Eu fiquei pensando: tomar Viagra com 21 anos? Está errado! Não é mais fácil tomar PrEP e conseguir resolver o tesão dele? Uma pessoa mais conservadora pode dizer: “Ele que não goze”. Mas o tesão importa. **Fonte:** Revista Geni (número 18), no artigo intitulado “O tesão importa”⁸

A busca de dados sobre o SUS e a disponibilização gratuita de preservativos no Brasil resulta em números impressionantes; no ano de 2009, o Ministério da Saúde bateu recorde de distribuição de preservativos. Segundo informações da própria instituição, foram 465,2 milhões de unidades distribuídas em todo o país. Neste mesmo ano de 2009, o Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmitidas (DST) e AIDS torna-se Departamento da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde e o Programa Nacional para a Prevenção e Controle das Hepatites Virais é integrado a ele. Em 2011, mais de 493 milhões de preservativos foram distribuídos gratuitamente à população⁹.

⁸ Disponível em <http://revistageni.org/12/otesaoimporta/> Acessos em 12 de out. 2016.

⁹ Dados disponíveis em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/profissional-e-gestor/vigilancia/links-vigilancia?start=790> Acessos em 09 de set. 2016.

No mesmo ano foram publicados os dados da Pesquisa sobre Comportamento, Atitudes e Práticas Relacionadas às DSTs e AIDS da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade (PCAP 2008)¹⁰, realizada no ano de 2008. De modo geral, os resultados apresentados demonstraram que a população brasileira possui um elevado índice de conhecimento sobre as formas de transmissão e de prevenção da infecção pelo HIV (BRASIL, 2011, p.27), índice que tem se mantido nos últimos anos, sendo superior ao de vários países em desenvolvimento¹¹.

Segundo a pesquisa, isso se dá especialmente, no que diz respeito ao nível de reconhecimento do uso do preservativo como a melhor forma de evitar a infecção pelo HIV, que se manteve em 97% no período entre 2004 e 2008 (p.26). Embora esse reconhecimento seja mais disseminado entre pessoas de maior escolaridade, mesmo entre aqueles com primário incompleto o preservativo é bastante conhecido como método de prevenção.

Todavia, ainda que os mais diversos esforços no âmbito da saúde pública tenham sido tomados na história do SUS, e o Brasil seja considerado um país modelo no âmbito das políticas públicas no combate ao HIV, segundo dados da UNAIDS¹², enquanto o mundo apresenta queda de 35% de novas infecções, entre 2005 e 2013, o Brasil aumentou em 11% seu índice de novas infecções com o vírus HIV e segue na contramão da média global.

Questões metodológicas

A análise adotada para este estudo foi a qualitativa. Especificamente, fez-se uso de elementos oriundos de uma etnografia virtual¹³, bem como de levantamento bibliográfico e análise documental.

O principal objetivo da etnografia virtual foi o de promover uma aproximação com o tema em tempo hábil para a conclusão do trabalho de pesquisa em especialização. O acesso a fóruns, chats, aplicativos e entrevistas na mídia possibilitaram o acesso ao maior número possível de diferentes pontos de vista sobre o assunto. Isso porque a

¹⁰ Ainda que os dados deste estudo possibilitem discussões sobre o comportamento sexual do brasileiro, a pesquisa não apresenta resultados específicos sobre a população transgênero. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_conhecimentos_atitudes_praticas_populacao_brasileira.pdf acessos em 29 de jul. 2016.

¹¹ Segundo dados da UNAIDS.

¹² Disponível em: <http://unAIDS.org.br/estatisticas/> acessos em em 10 de maio de 2016.

¹³ Ver mais em Christine Hine, *Etnografia virtual*. Barcelona: UOC, 2004.

internet apresenta-se como uma importante ferramenta para a obtenção de conhecimento e congrega material virtual para uma melhor compreensão das mais diversas manifestações na sociedade.

O desenvolvimento do ambiente virtual, como meio de socialização na última década, parece ser uma realidade incontestável; através das redes sociais na internet pode-se reencontrar amigos de longa data ou estabelecer novas relações (sejam relações virtuais ou não), observar como grupos se comunicam, interagir em aplicativos de encontros, realizar transações financeiras com segurança, estudar, entre outras atividades.

Entretanto, existe atualmente um intenso debate sobre a adaptação do método etnográfico tradicional para o ambiente virtual. No artigo intitulado “*Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos*” de Flávia Santos e Suely Gomes (2013), as autoras verificam como pesquisadores estudiosos da cibercultura se apropriam do método etnográfico para a condução de suas pesquisas. As categorias de análise deste estudo de Santos e Gomes versaram sobre a experiência da pesquisa a partir do que chamam de “*netnografia*” e os aspectos éticos observados pelos pesquisadores. Ainda segundo as autoras, se percebe que ainda há muitos pontos a serem esclarecidos e estudos a serem realizados no que se refere às possibilidades de aplicação da etnografia virtual enquanto metodologia de pesquisa, sendo necessário questionar “[...] quais os limites éticos entre as informações “públicas” disponibilizadas na rede e vida de diversos usuários que compartilham desejos, problemas, experiências e atitudes virtualmente” (SANTOS; GOMES, 2013, p.12).

Pensando nessa questão, a observação de campo realizou-se na condição exclusivamente de “lurker¹⁴”, ou seja, como um observador que não interferiu no campo. Deste lugar, depoimentos de domínio público que tratam sobre a PrEP, e relatos dos próprios usuários do Truvada, foram analisados a partir de duas fontes eleitas para a pesquisa: a primeira fonte foi o fórum de discussões hospedado pelo Facebook, chamado “Fórum PrEP¹⁵”; a segunda fonte, um podcast hospedado pelo website UOL, com livre

¹⁴ Uma explicação detalhada do termo é feita por Vera Lucia Marques da Silva, em sua tese intitulada “Sob a égide do chicote: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade”. Disponível eletronicamente em http://www.cis.puc-rio.br/assets/pdf/PDF_CIS_1445370973_1111657_2015_Vera_Lucia_Marques_da_Silva.pdf, Acessos em 13 de jul. 2017.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/forumprep/>

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 23 (2017), pp. 140-160.

acesso público, transmitido pelo canal “Lado Bi”, contendo entrevistas com alguns usuários da PrEP¹⁶.

O público alvo foi de homens brasileiros, residentes da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, entre 20 e 24 anos de idade, participantes da pesquisa PrEP Brasil, e do fórum online sobre PrEP, que abertamente declararam fazer sexo com outros homens, inclusive sem o uso do preservativo. Os dados indicam sujeitos nascidos a partir dos anos noventa – uma década que herda dos anos oitenta todo o estigma e horror a uma doença que devastou rapidamente milhares de homens ao redor do mundo –, mas que também representou tempos marcados pela discussão sobre homossexualidade, prevenção e tratamento ao HIV, não só a partir do advento dos primeiros antirretrovirais no mercado, mas da atuação dos movimentos LGBTs.

Curiosamente, é nesta faixa etária que, segundo dados do Ministério da Saúde, observa-se o maior aumento da taxa de detecção do vírus HIV; entre 2005 e 2014 a taxa de novas infecções por HIV quase dobrou de 16,0 para 30,3 casos por 100 mil habitantes.

No total, foram selecionados quatro depoimentos: dois integrantes do fórum online, residentes de São Paulo e dois entrevistados do podcast, residentes no Rio de Janeiro.

A análise dos depoimentos tentou preservar, sempre que possível, os estilos de linguagem dos interlocutores e das plataformas utilizadas, para a partir daí, articular reflexões sobre os aspectos mais evidenciados nos depoimentos.

Para o levantamento bibliográfico, trabalhou-se com a base Scielo integrada ao Google Acadêmico e a BVS - Biblioteca Virtual em Saúde (MEDLINE, LILACS, WHOLIS, PAHO). Há nas buscas uma grande variedade de trabalhos que versam sobre os aspectos clínicos da droga; contudo, as bases não identificaram nenhum estudo publicado no Brasil que conjugasse os termos “PrEP” e “subjetividade”, ou “PrEP” e “comportamento sexual”, associados ao uso sistêmico do medicamento Truvada. A hipótese que se levanta para a pouca bibliografia com enfoque em questões comportamentais e a PrEP, é a de que a discussão sobre a profilaxia ainda se encontra em estágio inicial no Brasil.

¹⁶ Disponível em: <http://ladobi.uol.com.br/episodios/prep/>

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 23 (2017), pp. 140-160.

Por fim, a análise documental considerou os três últimos boletins epidemiológicos publicados pelo Ministério da Saúde¹⁷, alimentados com dados sobre a incidência de novas infecções por HIV no Brasil. Complementarmente, considerou-se os relatórios anuais de entidades como amFAR¹⁸ e UNAIDS, referências mundiais no campo de estudos da AIDS, também serviram de base para esta pesquisa.

O que é o Truvada e a PrEP?

O Truvada, a droga utilizada na PrEP, é comercializada nos EUA desde 2012 e sua composição é a combinação de duas substâncias já utilizadas (separadamente) na terapêutica entre pacientes infectados pelo HIV: o Tenofovir (200mg/TDF) e a Emtricitabina (300mg/FTC).

De acordo com informações dos pesquisadores do laboratório GILEAD, fabricante do medicamento, o Truvada tem se mostrado eficaz na prevenção do contágio pelo vírus HIV por contato sexual, mesmo em relações sexuais sem o uso regular do preservativo.

Pesquisas indicam que a eficácia da droga chega a 96% entre homens que fazem sexo com homens (HSH), nos casos em que o indivíduo faz uso correto do medicamento, ou seja, ingerindo-se um comprimido por dia.

Esta promessa levanta um intenso debate, especificamente nas populações gay e transgênero, sobre o direito – e desejo individual – de relacionar-se sexualmente com outras pessoas sem a utilização do preservativo, assumindo os riscos eventuais dessa escolha.

Entretanto, de acordo com a GILEAD, informações do site PrEP Brasil¹⁹ e diversos órgãos internacionais²⁰, o medicamento deve fazer parte de uma estratégia global de prevenção, que não deveria substituir o uso do preservativo, considerado até

¹⁷ O mais recente boletim do Ministério da Saúde está disponível no seguinte endereço: http://www.AIDS.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2015/58534/boletim_AIDS_11_2015_web_pdf_19105.pdf. Acessos em 20 de ago. 2016

¹⁸ Segundo dados da amFAR: The Foundation for AIDS Research (2014). Extraído do relatório “Trans population and HIV: Time to end the neglect”. Informações disponíveis em: <http://www.amfar.org/issue-brief-trans-populations-and-hiv-time-to-end-the-neglect/>. Acessos em 15 de jul. 2016.

¹⁹ Ver mais em: <http://prepbrasil.com.br/duvidas-frequentes/> acessos em 28 de jul. de 2016.

²⁰ Entre estes o Center for Disease, Control and Prevention (CDC) nos EUA (<https://www.cdc.gov/hiv/risk/prep/>) e a World Health Organization (WHO) (<http://www.who.int/hiv/topics/prep/en/>) acessos em 28 de mar.2017.

hoje como a única forma de se proteger concomitantemente do HIV e de outras doenças sexualmente transmissíveis.

No Brasil, o medicamento Truvada foi incluído na lista de aprovados pela ANVISA em 10 de maio de 2013, e desde então vem sendo testado sistematicamente por três dos principais centros de pesquisa em HIV no país: a Fiocruz através do Laboratório de Pesquisas Clínicas (LaPClin), o Centro de Referência de testagem para HIV (CRT/SP) e o Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo/USP.

Após testes conduzidos²¹, a utilização do Truvada para a prevenção de infecção pelo vírus HIV foi aprovada nos Estados Unidos em 2012 através da *Food and Drugs Administration*²² (FDA). A esta estratégia de prevenção deu-se o nome de PrEP – *pre-exposure prophylaxis*, chamada no Brasil de Proflaxia pré-exposição.

Adicionalmente, com o reconhecimento da Organização Mundial da Saúde – OMS²³ em relação ao potencial da PrEP para o enfrentamento da epidemia do HIV/AIDS, incentivou-se ainda mais o desenvolvimento de estudos complementares com o intuito de avaliar esta estratégia de prevenção e como ela pode ser utilizada no mundo levando em conta as particularidades da epidemia, da cultura e dos sistemas de saúde, que variam amplamente entre os países.

Numa rápida busca no conceituado periódico médico *The Lancet*²⁴, inúmeras pesquisas indicam que o uso diário do Truvada se provou seguro, dado que os efeitos colaterais mais comuns foram leves e temporários, sem ocorrência de efeitos colaterais graves em seus usuários.

Na Europa, registrado desde 2005, e utilizada como terapêutica alternativa ou complementar ao tratamento para pacientes soropositivos, foi somente em julho de 2016 que a droga Truvada recebeu avaliação positiva da agência europeia reguladora de medicações (The European Medicines Agency – EMA), para comercialização no mercado europeu. Como efeito, o medicamento poderá entrar em circulação em todos os

²¹ Duas expressivas pesquisas foram conduzidas nos EUA, patrocinadas pelos Institutos Nacionais de Saúde (National Institutes of Health) e a Universidade de Washington respectivamente: (iPrEX) “The Pre-Exposure Prophylaxis Initiative” e o “Partners PrEP”

²² O equivalente à ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária no Brasil.

²³ Informações disponíveis no centro de imprensa online da Organização Mundial de Saúde, em [OMS](http://www.who.int). (www.who.int) acessos em em 02 de mai. de 2016.

²⁴ Acessar: [The Lancet](http://www.thelancet.com). (www.thelancet.com), acessos em 04 de mai. de 2016.

28 países da comunidade europeia²⁵ assim que receba o aval final da Comissão Europeia, responsável pela aprovação de novas drogas naquele continente.

Segundo informações oficiais da agência francesa de pesquisas sobre a AIDS²⁶, no final de 2015, a França já havia autorizado o uso do Truvada para prevenção de forma experimental em hospitais, assim como o reembolso de 100% do valor do remédio, se convertendo no primeiro país europeu e o segundo do mundo, atrás dos Estados Unidos, a dar sinal verde à utilização do Truvada. Em junho de 2016, o ministério francês da Saúde autorizou sua prescrição em centros gratuitos de informação sobre a AIDS, após o principal estudo conduzido naquele país, o Ipergay²⁷.

A decisão da França foi motivada pelo fato de que o Truvada responde a uma realidade: algumas pessoas com alto risco de contágio, principalmente homossexuais e transexuais, são menos receptivas aos métodos tradicionais de prevenção.

No Quênia e na África do Sul, o Truvada foi autorizado para a PrEP desde 2015.

Atualmente, testes regulatórios estão sendo conduzidos na Austrália, Peru e Tailândia. No Brasil, em 2014, 409 pessoas foram incluídas no estudo “PrEP Brasil”, nos três centros condutores da pesquisa²⁸.

O estudo foi aberto a homens que fazem sexo com homens (HSH) e transgêneros a partir dos 18 anos de idade, isto é, foram considerados para o estudo mulheres transexuais, travestis e homens que fazem sexo com homens que, no ano anterior, tinham tido dois ou mais parceiros na prática de sexo anal desprotegido, ou dois ou mais parceiros HIV positivo, com prática de sexo anal (independentemente do uso do preservativo) ou um diagnóstico de uma infecção bacteriana sexualmente transmissível (DST).

²⁵ Segundo comunicado oficial disponível pelo link:

<http://investors.gilead.com/phoenix.zhtml?c=69964&p=irol-newsArticle&ID=2187464> Acesso em 28 de julho de 2016.

²⁶ Agence Nationale de recherche sur le SIDA et les hépatites virales. ANRS. Disponível em: <http://www.anrs.fr/>, acesso em 28 de jul. 2016.

²⁷ Ver mais em <http://www.ipergay.fr/> Acesso em 22 de jul. 2016.

²⁸ A Fiocruz, através do Laboratório de Pesquisas Clínicas (LaPCLin), o Centro de Referência e Treinamento de AIDS da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo (CRT- AIDS/SP) e a Universidade de São Paulo (USP), financiados pelo Ministério da Saúde, Departamento DST/AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, Fiocruz, Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Após os primeiros resultados brasileiros, houve em 2016 a recomendação positiva dos pesquisadores²⁹ do Projeto PrEP Brasil e um parecer favorável do Departamento de DST/AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde para a utilização da PrEP como estratégia opcional de prevenção; desde maio de 2017 aguarda-se a implementação da profilaxia no país.

Sociedade, indivíduo e subjetividade. Diálogos entre Georg Simmel, Henri Bergson e Sigmund Freud

O referencial teórico desta pesquisa buscou um diálogo entre a Psicologia, em especial a Psicanálise, a Filosofia e a Sociologia. Os três autores escolhidos como guias principais deste artigo são unidos por um ponto em comum: são pensadores que de certa forma desfazem o esquema das vertentes científicas e filosóficas do século XIX, uma época que representou a divisão da realidade em essências e acidentes, que reduziam o homem a leis previsíveis e manipuláveis, análogas às leis naturais, biológicas.

Primeiramente parece importante registrar a influência de leituras apoiadas nas questões fundamentais da sociologia de Georg Simmel; de modo geral, para o sociólogo, “a linha divisória que culmina no ‘*indivíduo*’ “[...] é um corte totalmente arbitrário, uma vez que o ‘indivíduo’, para análise ininterrupta, apresenta-se como uma composição de qualidades, destinos, forças e desdobramentos históricos [...]” (SIMMEL, 2006, p.13).

Esta concepção dialoga diretamente com as concepções de Sigmund Freud e Henri Bergson, ao introduzirem conceitos sobre o indivíduo e suas subjetividades (a imprevisibilidade das ações do sujeito, o inconsciente e a pulsão, por exemplo), categorias que norteiam muitos estudos no campo da Ciências Humanas, e que se afastam de uma concepção “natural” de sujeito.

Elege-se o conceito de subjetividade adotado por Henri Bergson³⁰, filósofo francês cuja obra compreende uma crítica às formas de determinismo do século XIX.

²⁹ Segundo Beatriz Grinsztejn, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e uma das responsáveis pelo estudo no Brasil, o objetivo da pesquisa é de avaliar a aceitabilidade, segurança e viabilidade da PrEP no país. Os primeiros dados do Projeto PrEP Brasil foram apresentados por Grinsztejn na 8ª Conferência Internacional de AIDS realizada entre os dias 19 e 22 julho de 2015 em Vancouver no Canadá. Houve parecer favorável para implementação da droga para uso de prevenção ao HIV. Segundo dados da AIDSMAP, a pesquisadora indicou que são exatamente as pessoas mais vulneráveis que efetivamente procuram pela PrEP. Ver mais em: GRINSZTEJN (2014), através do link: <http://slideplayer.com.br/slide/3170959/> acessos em 02 de mai. 2016.

³⁰ Henri Bergson (1859-1941). O tempo constitui tema fundamental do pensamento desse autor. Para o autor, o tempo dos filósofos e cientistas que precedem a modernidade seria um tempo esquemático e espacial, incompatível com o tempo que é o próprio tecido do real, ou seja, o tempo que Bergson define como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação.

Bergson introduz a ideia de passagem, momento de um processo, de uma ação, de um acontecimento, que faz com que a subjetividade, antes de ser feita de igualdades, seja constituída por diferenças contingentes, justapostas, formando um estilo próprio em cada sujeito, algo da ordem do imprevisível (BERGSON, 1907/1964, p. 45), e o que chama de mundo-expressão, um sujeito impelido por forças em arranjo, nem sempre conscientes, implicando-se na interação com o outro.

O bergsonismo ficaria marcado por uma distinção entre o que o autor considerava no sujeito um “eu de superfície”, automatizado e preso às injunções da sobrevivência e vida social, e um “eu profundo”, dinâmico, regido pelo livre-arbítrio, e que rompe com as barreiras da moral e da religião. Para o autor, o inconsciente recebe um papel de grande destaque em suas correspondências com o psicólogo William James (1984, p.7) e eis aí a ponte para o pensamento de Sigmund Freud.

Introduzido na última década do século XIX – a partir da noção de corpo histórico extraída de seus primeiros escritos compreendidos entre 1890-1897 – a evolução do conceito de corpo, e conseqüentemente o conceito de subjetividade, na história, parecem servir de base às discussões contemporâneas que pensam o sujeito moderno a partir de algumas categorias de análise subjetivas. Trata-se de um corpo transpassado pelo que Freud denominou de inconsciente (1893), um corpo biológico habitado por outro corpo; o corpo da representação, *locus* do desejo, um corpo pulsional³¹.

Nesta ótica, este artigo guia-se não só pelo diálogo entre clássicos, mas pela interlocução entre contemporâneos da psicanálise e da sociologia, a partir dos escritos psicanalíticos de Joel Birman (1994; 2016) e pelas explicações sociológicas de David Le Breton (2011, pp.9-14) e Anthony Giddens (2002, pp.74-95), que colaboram para a noção de um corpo *alter ego*, *lócus* do desejo e identidade do sujeito.

Adicionalmente, convocou-se Georges Bataille (1987) e seu *Erotismo*. Assim buscou-se enriquecer o debate sobre o risco, o prazer e o corpo na modernidade, no intuito de melhor compreender – a partir dos depoimentos – algumas nuances das práticas sexuais dos usuários da PrEP aqui considerados.

Mas afinal, o que dizem os homens usuários da PrEP?

³¹ Ver mais em “Estudos sobre a histeria” (1893-1895).

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 23 (2017), pp. 140-160.

É possível inferir que as falas se centraram na valorização da sexualidade de cada sujeito. A sexualidade, como indica Birman, é posta na berlinda (BIRMAN, 2010).

A prática erótica e a valorização do erotismo traduzem-se no exercício de uma sexualidade que desempenha uma função validadora das identidades dos sujeitos.

Diz A³², sobre seu comportamento sexual:

“Não vou ser hipócrita igual a muitos aí, nem vou me reprimir além do que já fazem comigo. Eu gosto sem camisinha, é assim que eu gosto e não vou mais me culpar por isso. É tal de ‘coloca a camisinha, nesse carnaval só se for com camisinha’... e se eu não quiser?” (A, 24 anos, Podcast)

Observou-se em alguns depoimentos a ênfase na relação entre a prática sexual e desejos individuais, isto é, foco em buscas por relações sexuais congruentes com suas preferências. Estas escolhas confeririam ao indivíduo certo sentido em sua existência, conforme evidencia Z.

“... prefiro trepar sem camisinha as vezes, camisinha me incomoda. É diferente, fora do padrão imposto, mas eu gosto de pele com pele, dá mais tesão, faz mais sentido, meus amigos ‘hétero’ colocam a culpa no esquecimento de levar o preservativo, eu digo que gosto de transar sem camisinha, avalio meus riscos em nome do meu prazer. Faço sexo sem camisinha, eu tomo o Truvada certinho e faço exame de sangue todo mês, até melhorou minha consciência de me cuidar. É algo que gosto de fazer com meus parceiros e com quem namora comigo. Não vou negar que eu acho bom, super gostoso, mas que sinto um medinho às vezes, uma culpa muito de leve, antes da PrEP era maior, sensação de que estava sempre fazendo algo errado, nada se encaixava, eu fazia sexo e me sentia sujo, culpado, hoje em dia posso dizer que vivo melhor comigo, há uma profilaxia que me permite prevenir o HIV e ainda sim ser quem eu sou.” (Z, 23 anos, Podcast)

Tal fala parece iluminar o conceito de dispositivo da sensibilidade conforme definição de Luiz Fernando Duarte (1999). Para Duarte, se faz importante considerar o sentido e o papel da sexualidade num universo maior de significação. Ainda segundo o autor, é a partir do século XVII que se constrói no ocidente o que se pode chamar de “dispositivo da sensibilidade” (DUARTE, 1999, pp. 23-24).

Com isso, indica-se que três aspectos parecem permanecer presentes sob as figuras contemporâneas da sexualidade: a perfectibilidade – a ideia de que a espécie humana é dotada da capacidade de se aperfeiçoar indefinidamente, a experiência – explícita da corrente chamada de empirismo e valorização dos sentidos, e o fisicalismo –

³² Os nomes originais foram trocados por iniciais aleatórias. Com isso objetiva-se preservar as fontes através de identidades fictícias. Devem ser considerados, portanto os depoimentos de A, E, Z e I, apelidos escolhidos para ilustrar os depoimentos.

espécie de consideração da corporalidade em si, como dimensão autoexplicativa do humano (DUARTE, 1999, p.25). A continua:

“... é algo que não consigo explicar, vem uma vontade, um impulso, esse sou eu, ... e quando vejo já foi... nem dá *pra* controlar. É fácil demais dizer que esqueceu, e se eu não quiser usar?” (A, 24 anos, Podcast).

O exercício da escolha em usar ou não o preservativo parece fazer eco à obra *O Futuro de Uma Ilusão* de Sigmund Freud, quando este indica que “[...] todo o indivíduo é virtualmente inimigo da civilização” (FREUD, 1927/1978, p. 88). Para Freud, as renúncias instintivas impostas ao indivíduo pela civilização criariam no sujeito um estado de constante tensão, resultante da dicotomia entre desejo inconsciente e repressão social.

Logo, no campo da psicanálise, uma longa discussão irá se instaurar sobre duas forças constituintes do sujeito. É em *O Mal-estar na civilização* que Freud vai discutir *Eros*, a pulsão de vida – que opera uma ligação essencialmente libidinal entre os indivíduos, e *Thanatos*, uma carga de pulsão destrutiva (FREUD, 1930/1977, p.145).

Nessa perspectiva, alguns depoimentos revelam o que Joel Birman (1994) vai chamar de erogeneidade do sujeito, uma espécie de triunfo do sujeito sobre a morte³³. A sexualidade e o universo construído socialmente sobre a AIDS revelam que o corpo não pode ser entendido apenas como um suporte físico de complexas reações físico-químicas, mas por diferentes estratégias linguísticas, políticas e sociais que resultariam num complexo esquema de erogenização do corpo, através de diferentes discursos, revelando inúmeras possibilidades legítimas para este sujeito moderno (BIRMAN, 1994, pp. 114-115).

Diz E, 20 anos:

“Não posso me envergonhar do meu corpo, do prazer que ele me proporciona, e as pessoas tem que entender isso, viver de acordo com quem eu sou sem vergonha, se mostrar *pra* sociedade mesmo, dizer que existem muitas formas de viver e a PrEP tá aí pra dizer que não preciso me encaixar na regra do ‘só com camisinha’... que sem camisinha é sujo, é errado. Errado ‘pras’ gays né? ...porque pra hétero tudo bem?!” (E, 20 anos, Facebook)

A complementa:

“Eu estava numa ‘festinha’ transando sem camisinha e no meio da segunda transa com uma mesma pessoa, o cara parou e me avisou que era HIV positivo. Fiz as perguntas básicas neste caso, se ele estava com medicação em dia e sua carga viral. Depois disso, fui pra um posto de saúde fazer PEP ... cheguei lá e

³³ Ver mais em ARIÈS, 1977/2014.

a médica me perguntou porque eu transava com gente desconhecida, que eu deveria usar preservativo. Não adianta me julgar né...até parece que ela nunca transou sem camisinha...eu na hora respondi pra ela: ‘é meu corpo doutora, o cú é meu e eu dou pra quem e como eu quiser... meus remédios, meus direitos’.
(A, 24 anos, Podcast).

Também é possível constatar nos depoimentos que, a consciência sobre, e o exercício de uma sexualidade própria – reprimida no meio social –, por vezes apresenta-se como espécie de resistência do sujeito moderno à norma ou regulação; este sujeito é indicado por Louis Dumont (1985) como sujeito que se considera livre, autônomo e consciente de direitos de cidadania, um “[...] indivíduo – no – mundo” (DUMONT, 1985, p.63).

Outros depoimentos evidenciam que ainda que o exercício da sexualidade represente uma espécie de ‘validador’ das identidades dos sujeitos (GIDDENS, 1993, 2002), especialmente nas relações sexuais casuais (marcadas através de aplicativos, ou estabelecidas em saunas, por exemplo) entre os usuários da PrEP, o sexo sem preservativo não exclui o cuidado de si e do outro.

Toma-se a fala de A:

“Eu estava transando com o cara numa festinha e ele ao final da transa me disse que era HIV positivo. Fiquei meio assim, o cara percebeu que fiquei meio nervoso...a gente não se conhecia, mas mesmo assim a gente decidiu transar sem camisinha. Parei pra pensar que se algo acontecesse comigo eu não poderia por a culpa somente nele, eu também havia me deixado levar pelo meu desejo, pela vontade de ter prazer naquele momento...”. (A, 24 anos, Podcast)

Adicionalmente, além da ideia do “cuidar de si” – já evidenciada na fala de A –, Z introduz a ideia do “cuidar do outro”. O Truvada, de certa maneira, parece instaurar em seus usuários uma maior consciência sobre as relações sexuais estabelecidas, seus riscos e a possibilidade de prazer envolvido. Um curioso binômio dinâmico “cuidar de si – cuidar do outro” aparece em cena.

Na perspectiva da relação entre identidade individual, sentido de existência e risco, David Le Breton (2006) indica que o sentido tátil funcionaria como veículo primordial para o sujeito moderno em busca de sentido existencial, diz o autor: [...] a pele faz o sujeito (LE BRETON, 2006, p. 206). A pele, além de delimitar as dimensões espaciais do sujeito, traria em sua estrutura registros não só físicos, mas inconscientes. Para o autor, a pele representaria o ponto de partida, saturado de inconsciente e cultura, que desvela o psiquismo e a constituição dos vínculos sociais, e um lugar de intercâmbio

com o mundo, o sentido da proximidade e individualidade, uma espécie de fronteira (LE BRETON, 2006, p. 207)³⁴.

I, de 21 anos, revela em seu depoimento a importância que dá ao “*sexo na pele*” como forma de trazer sentido à sua vida.

Isso fica claro em seu relato:

“Eu uso aplicativos de encontro³⁵, pra fazer pegação³⁶, curto fuder com quem eu quiser, é um lance meu, de encontrar uma pessoa, do toque, da pele com pele, de variar. As pessoas não entendem, julgam, são hipócritas. É meu corpo, minha regra, meu desejo, e já tentei ser igual alguns amigos, ser monogâmico, não conseguia, era infeliz quando tentava encaixar no normal”. (*I*, 21 anos, Facebook)

Ressalta-se aqui o termo “*pele*”, especificamente o termo “*Pele com pele*”, recorrente em alguns depoimentos. Para Le Breton (2006), a busca dos limites de sentido ao redor do sujeito através do “corpo a corpo” com o mundo pode ser interpretada como a dificuldade do sujeito moderno em situar-se no meio social, no caso dos depoimentos que evidenciam um campo social regulador. O limite físico, entre a pele e o objeto, seria um atalho criado pelo indivíduo na tentativa de apaziguar e reorganizar um caos interior particular, convocando-o ao sentimento de sentido de sua própria existência, um sentimento de plenitude provisoriamente alcançado; diz o autor: [...] se a pele do mundo se desfigura, o sujeito ao contrário se retrai sobre a sua para tentar fazer dela seu refúgio, em um espaço que ele controla na falta de controlar seu entorno (LE BRETON, 2006, p. 213). A fala de *I* exemplifica esta questão, tal como apresentada a seguir.

“... eu gosto de ter o controle do que eu quero e como quero o sexo, sem uma regra rígida me controlando, o sexo diz exatamente quem eu sou, eu gosto do contato, dos fluidos, da troca, sexo é vida...”. (*I*, 21 anos, Facebook)

Todavia, alguns depoimentos revelam que persiste um sentimento de inadequação social decorrente do exercício de sua sexualidade tal qual como se apresenta a ele mesmo, quando revelada a público. Toma-se a fala de *Z*:

³⁴ Ver mais em DOURADO, Inês et al. Revisiting the use of condoms in Brazil. Rev. bras. epidemiol., São Paulo, v. 18, supl. 1, p. 63-88, Sept. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2015000500063&lng=en&nrm=iso acessos em 10 de set. 2016.

³⁵ Aplicativos que funcionam como redes sociais para encontros como Tinder, Grindr, Hornet, entre outros.

³⁶ Segundo o dicionário online Priberam, substantivo feminino, coloquialmente utilizado para busca de envolvimento libidinoso com alguém. Disponível em www.priberam.pt acessos em 01 de mai. 2017.

CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 23 (2017), pp. 140-160.

“... a pessoa acaba transando sem camisinha porque quer, porque dá tesão, essa é a verdade, não só porque esqueceram ou porque ela estourou... é totalmente legítimo decidir trepar sem... é um risco, é verdade, por exemplo numa dessas trepadas o cara me contou no final que era HIV positivo, fui pro posto atrás da ‘PEP’ e as enfermeiras todas me olhando com aquela cara de reprovação, o papo de sempre que tem que usar camisinha, se eu nunca havia ouvido falar em preservativo, panfletos de como usar camisinha..., um tribunal de justiça...” (Z, 23 anos, Podcast)

Considerando-se as categorias aqui exploradas, a teoria de Georges Bataille (1987) e a discussão sobre o erotismo servem de apoio. Para o autor, o erotismo se delinaria como uma experiência unicamente humana, pois sujeitos – ao contrário de outros animais – fazem da atividade sexual de reprodução, também uma atividade erótica. Ainda segundo Bataille, este é um dos aspectos da vida interior do homem, que procura externamente objetos que respondam segundo a interioridade do desejo (BATAILLE, 1987, pp.11-13). Diz *E*, 20 anos:

“... eu gosto do sexo bom, que foge à norma”. (E, 20 anos, Facebook)

Nessa concepção, o pensamento de Georges Bataille pode auxiliar o entendimento sobre o que é denominado de transgressão e interdito. A essência do erotismo residiria não só na atividade sexual enquanto prazer, mas também através da transgressão à norma, como revela *E* (BATAILLE, 1987, pp.42-46).

Diz *I*:

“Eu me sinto protegido com o Truvada, gosto de porra, mas procuro evitar a ‘leitada’³⁷ O jogo tem que ser mais aberto e sexo resume como eu gosto da vida, livre, imprevisível... e não tem como não correr nenhum risco, a vida por si só é um risco, tudo pode acontecer”. (I, 21 anos, Facebook).

Para Richard Parker (1994), que trata da questão da transgressão, no Brasil, ou em qualquer outra sociedade complexa e diversa, parece importante considerar que a vida sexual dos sujeitos se delinea a partir de pluralidades, por inúmeras instituições, bem como por seus discursos culturais, múltiplos e frequentemente contraditórios (PARKER, 1994, p.144). Segundo Parker, a relação entre o caráter transgressor das práticas sexuais tiraria proveito de uma distinção culturalmente definida entre as noções de conduta pública e privada, e que é captada através de expressões como “Entre quatro paredes tudo pode acontecer” ou “Por baixo dos panos tudo pode”. Neste contexto de erotismo proposto, na intimidade das interações sexuais, as regras sociais que incidem na vida

³⁷ Termo que denota a ejaculação diretamente dentro da boca, ou ânus.

cotidiana dos sujeitos deixariam de funcionar – subvertendo, relativizando e rearrumando – estruturas impostas. Instaure-se um “vale-tudo” em relação à prática sexual, que validaria o lugar deste sujeito no mundo. Aqui parece importante considerar a importância que Michel Foucault (1999; 2006; 2016) dá à discussão sobre o sexo como elemento imaginário, e o que o dispositivo de sexualidade suscita no sujeito no decorrer da história (FOUCAULT, 2016, pp.133-180), inclusive em questões relacionadas à transgressão (FOUCAULT, 2006, p.32).

Segundo o autor, após historicamente percorrer um longo caminho, seria através do sexo e do lugar de importância que ocupa – considerado um elemento oculto e produtor de sentidos – que os sujeitos passariam pela sua própria inteligibilidade, acedendo assim à totalidade de seu corpo e à sua identidade, formada pela força de uma pulsão aliada à singularidade de uma história pessoal (FOUCAULT, 1999, p.146).

Notas conclusivas

Os depoimentos denotam uma tendência dos sujeitos em localizar no prazer, nos riscos e na sexualidade, a reafirmação de suas identidades (GIDDENS, 2002).

Retoma-se aqui as óticas de autores como David Le Breton (2000; 2011) e Mary Jane Spink (2001) sobre a positivação do risco, as perspectivas de Joel Birman (1994; 2010) e Carlos Augusto Peixoto Junior (2010) sobre o corpo simbólico - erógeno, e de Anthony Giddens (2002) sobre a identidade dos sujeitos na modernidade.

O sujeito fabricaria, na sua relação com os riscos, o que Le Breton (2000) e Spink (2001) denominam de certo sentido para a vida, através do que Ariès (1977/2014) vai chamar de “afrentamento real ou mais simbólico com a morte”³⁸.

A sexualidade – colocada na berlinda nos depoimentos – passaria por uma valorização da experiência corporal³⁹, através dos sentidos, e que se concretiza a partir da realização dos desejos, ainda que estes incorram em riscos (BIRMAN, 2010).

A partir dos depoimentos, é possível inferir que a sexualidade se apresenta ao sujeito como uma categoria “cultivada”, ou como o que Giddens (1993)⁴⁰ vai denominar

³⁸ Ver mais em Ariès (2014), pp.781-800.

³⁹ Ver mais em Duarte (1999), pp.21-30.

⁴⁰ Ver mais em Giddens (1993), p.25.

de “aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais”.

Inferir-se também a partir das falas que a prática de sexo sem preservativo se configura uma realidade. Pode-se pensar adicionalmente um corpo que privilegia o gozo, um corpo *gozante*, que não teme, um corpo que domina receios e mostra uma potência. Esta ideia representa – em certo grau – o que Bourdieu discute (2010, pp 13-67) em *A dominação masculina*. Para o autor, a biologia e o corpo seriam dimensões onde as desigualdades entre os sexos, resumidas no conceito de dominação masculina, seriam naturalizadas. Essa noção nos remete às ideias de Joan Scott e Judith Butler, bem como ao conjunto das feministas pós-estruturalistas que discutirão questões de gênero.

A prática de sexo sem preservativo faz alusão ao sexo que foge à norma social, um ato que abarcaria o conceito do *imprevisível* bergsoniano, de natureza transgressora, e que Bataille (1987) irá considerar como a essência do erotismo. A atividade sexual é percebida enquanto ferramenta para prazer, e também transgressão às regras, uma forma de validar identidades, num meio social repressor abordado por Freud já em 1927.

Contudo, relacionar-se sem o uso do preservativo e fazendo uso da PrEP, parece não eliminar dos depoimentos as sensações de risco, prazer, medo e culpa entre os usuários. Este, tampouco, parece ser um objetivo dos usuários da profilaxia. Emergem desta noção práticas que visam diminuir o medo e a culpa, através do “*melhor gerenciamento do risco*” no sexo sem preservativo.

A PrEP parece proporcionar relações sexuais que priorizam mais a qualidade da prática em si, uma vez que categorias constitutivas do sexo sem preservativo – como medo e culpa – tendem a parcialmente se dissipar com este “*gerenciamento*”. Alguns exemplos podem ser citados: trocas de informações entre parceiros, antes da relação, sobre seus status sorológicos (HIV positivo ou negativo?), nível da carga viral (alta, baixa ou indetectável?), permissões durante a prática sexual (ejaculação dentro do ânus ou fora, na boca?).

Estes acordos representam movimentos dinâmicos entre arriscar-se, cuidar de si (quando questionam o parceiro) e cuidar do outro (quando discutem sobre o próprio status de HIV com possíveis parceiros). Para este movimento não há um padrão preestabelecido. Este melhor *gerenciamento do risco* nos encontros sexuais também parece representar ao sujeito, uma certa retomada da autonomia sobre seu corpo; a PrEP apresenta-se aos seus

usuários como uma segunda opção na prevenção contra o HIV, uma vez que o preservativo não é uma unanimidade como profilaxia adotada regularmente.

Nesse sentido, os depoimentos indicam que com a introdução do Truvada, o sexo sem preservativo se afastaria de uma concepção de conduta errática, permeada pela sensação de marginalidade, para assumir-se como possibilidade, exercício de liberdade sexual entre os sujeitos envolvidos na prática sexual.

Percebe-se que a PrEP parece promover, na verdade, uma espécie de ‘rearrumação’ intermitente dessas categorias, onde ora o prazer e o risco assumem protagonismo, ora a culpa e os medos sobressaem.

No mês de maio de 2017 o Ministério da Saúde aprovou o oferecimento da PrEP no SUS. Até setembro do ano de 2017, usuários da PrEP ainda aguardavam a data oficial para o início da PrEP através do Sistema Único de Saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. (1977) **O homem diante da morte**. São Paulo: UNESP, 2014.
- BATAILLE, G. (1957) **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BERGSON, H. (1907). **A evolução criadora**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- _____. **Cartas, Conferências e Outros escritos. Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril, 1984.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- _____. **Sexualidade|: Entre o mal e as maledicências**. In LOYOLA, M. A. (Org.) AIDS e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas. Rio de Janeiro: Relume - Dumará: UERJ, 1994.
- _____. **A sexualidade na berlinda**. In PRATA, M.R. (Org.) Sexualidades. Rio de Janeiro: EBEP- Contracapa, 2010.
- DUARTE, L. F. D. **O Império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna**. In: HEILBORN, M. L. (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 21-30.
- DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, várias edições.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I. A vontade de saber**. 13ª edição. São Paulo: Graal, 1999.
- _____. **Subjetividade e verdade. Curso no Collège de France (1980-1981)**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- _____. **Prefácio à transgressão**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. In: Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. **A Transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
- GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- _____. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- _____. **Passion du risque**. Paris: Métailié, 2000.
- MARCUSE, H. (1966) **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1969. 4ª edição.

PEIXOTO JUNIOR, C.A. **A multiplicidade sexual das máquinas desejantes e seus destinos.** In PRATA, M.R. (Org.) Sexualidades. Rio de Janeiro: EBEP- Contracapa, 2010.

_____. **Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre AIDS no Brasil.** In LOYOLA, M. A. (Org.) AIDS e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas. Rio de Janeiro: Relume - Dumará: UERJ, 1994.

SANTOS, Flávia; GOMES, Suely. **Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura.** In Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Anais do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, realizado de 20 a 22 de novembro de 2013. Disponível em http://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf , acessos em 13 de abr. 2017.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SPINK, M.J. **Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia.** Cad. Saúde pública, v.17, n.6, p.1277-1311, 2001.